

Por onde quer que seja hoje em dia, os cristãos nascidos de novo são incentivados a trabalhar a favor do avivamento e da unificação do protestantismo. Antes de apressarmos a nos unir a este movimento ecumênico, vejamos o que nos diz a história.

No início do século 16, o catolicismo romano havia chegado a tais extremos de corrupção que muitos cristãos começaram a clamar por uma reforma. O papismo havia levantado um muro de tradições, cerimônias e invenções antibíblicas entre o cristão e Cristo: o batismo dos recém nascidos; as indulgências; o confessionário; a expiação de pecados pelas penitências; o purgatório; a missa oferecida pelo sacerdócio; a adoração de Maria, os santos, as relíquias e as imagens.

No ano de 1517, Martinho Lutero, com a esperança de uma reforma dentro do catolicismo, se opôs às vendas de indulgências. Em seguida foi evidente que Roma não podia cooperar com ele. Assim, no ano de 1520, em um ato público de desafio, Lutero queimou o decreto papal de Leão X. Logo os príncipes e governantes da Alemanha começaram a apoiar uma reforma. Eles viram em Martinho Lutero o homem que poderia por fim aos impostos papais, aos benefícios

eclesiásticos, aos dízimos e subornos, reservando assim estas enormes somas para o cofre real. O assim chamado Santo Império Romano estava se desmoronando no começo do nacionalismo moderno.

No ano de 1523, Ulrico Zwinglio havia se levantado como campeão da reforma na Suíça.

No princípio, Lutero e Zwinglio defenderam a liberdade de consciência e denunciaram toda perseguição, mas desgraçadamente os dois líderes dependeram muito do apoio dos governantes seculares que se demonstravam favoráveis. Esperaram que estes os apoiassem antes de se separarem completamente de Roma e organizar suas próprias igrejas. Com o tempo, isso os fez cúmplices da perseguição contra os dissidentes religiosos em seus próprios países.

Muitos cristãos verdadeiros dessa época começaram a se separar do protestantismo. No ano de 1523 na Suíça, um sacerdote convertido chamado Simon Stumpf reprovou a Zwinglio por permitir ao estado governar os assuntos da religião em vez de seguir os ensinamentos da Bíblia, dizendo:

Mestre Ulrico, você não tem o direito de por nas mãos de meus senhores a decisão sobre este assunto, porque a decisão já foi tomada. É o

Espírito de Deus que decide. (...) Se meus senhores adotaram outra maneira que seja contrária à decisão de Deus, eu pregarei e atuarei contra [a decisão do estado].

Os reformadores esperavam que as autoridades do estado estabelecessem a doutrina reformada e, se fosse necessário, a defendessem com as armas contra o catolicismo romano. Por isso, depois de muita demora e respostas evasivas da parte dos reformadores, muitos cristãos verdadeiros romperam com os reformadores e começaram a estabelecer igrejas bíblicas independentes. Fundaram estas igrejas unicamente sobre a autoridade de Cristo e de sua palavra.

Em 21 de janeiro do ano de 1525, um grupo de quinze crentes renascidos, se reuniu em uma casa em Zurique (Suíça) e, guiados pelo Espírito Santo e pelo estudo da palavra, decidiram batizar-se um ao outro e estabelecer assim uma igreja novo testamentária. Uma semana depois, Conrado Grébel e Hans Brotli foram chamados como pastores. Sendo que os reformadores não foram organizados senão depois, esta foi a primeira igreja que se organizou no período da reforma.

O ideal desses verdadeiros cristãos não era *reformar* a existente organização da igreja romana,

senão *restituir* a original igreja apostólica em toda a sua pureza e poder. Nenhum nome adotaram para a sua igreja, apenas se chamavam entre eles, “irmãos”. Sua única apelação quanto à autoridade era a autoridade de Cristo e de sua palavra, e sua única pretensão a “sucessão apostólica” era, uma vez mais, Cristo e sua palavra, a qual contém a doutrina dos apóstolos.

Desta maneira, nasceu uma de um grande número de congregações que valentemente apoiaram a verdade de uma igreja fundada somente em Cristo e na sua palavra. Essas igrejas não esperaram que o governo secular decretasse e defendesse os estatutos de uma religião oficial, nem tampouco buscaram uma linha direta de sucessão com nenhuma organização religiosa.

Imediatamente estes valentes seguidores de Cristo foram perseguidos pelo estado e pela oficialmente apoiada igreja dos reformadores. Uma longa e sangrenta perseguição se prolongou nos seguintes 50 anos. Nesse período, de 20.000 a 50.000 destes cristãos foram martirizados pelos católicos romanos e pelos protestantes. Eberli Bolt foi o primeiro mártir, queimado na fogueira em Schwyz (Suíça) pelos católicos, em 19 de maio de 1525. Félix Manz foi o primeiro martirizado pelos protestantes, afogado em

Zurique (Suíça) em janeiro de 1527. E foi somente 250 anos após, que a constituição dos Estados Unidos da América decretou que nenhuma lei seria feita aprovando alguma religião oficial de estado. Estes cristãos simples, firmes crentes na Bíblia, foram os que verdadeiramente abriram o caminho para a liberdade de religião. Os primeiros princípios de liberdade foram comprados com o sangue de indefesos mártires, não com o sangue de soldados.

Assim, estas igrejas fundadas em Cristo Jesus e em sua palavra, tiveram que romper com as transigências e maldades do protestantismo da mesma maneira que os reformadores romperam com a organização católica.

Quais foram então as diferenças principais entre estes irmãos e os reformadores? Por que estes irmãos opuseram-se ao protestantismo? Foram chamados “anabatistas” (rebatizadores) pelos seus inimigos, porque praticaram o batismo de crentes. Batizaram somente aqueles que tinham uma fé viva em Cristo (um recém nascido não pode ter uma fé consciente e inteligente em Cristo). Mas a diferença principal entre os anabatistas e seus contrários não foi tanto a diferença do batismo, senão, o problema da relação da igreja com o resto da sociedade.

O protestantismo confiou muito no apoio e na proteção dos governantes, já que sem a assistência militar e política poderiam sofrer uma perseguição da igreja romana. Por isso Zwinglio, Lutero e outros reformadores buscaram o apoio do poder político do estado. A *Enciclopédia Britânica* diz:

Se os príncipes alemães não tivessem visto os seus próprios interesses, [Lutero] não teria sido mais do que um líder de uma mística seita desconhecida.

Esta dependência do poder mundano e político trouxe muitas conseqüências perversas.

Por sua gratidão para com os benévolos governantes, Lutero desenvolveu uma espantosa apologia a favor do poder do estado. Durante as rebeliões dos camponeses, a quem ele mesmo havia estimulado com sua defesa anterior da liberdade, mais de 100.000 deles foram mortos. Lutero escreveu folhetos furiosos contra os pobres e equivocados camponeses. Continha declarações extremadas e trágicas como esta:

Apunhale, destrua, mate ao que puder! Se você morrer fazendo isto, é bom para você! *Não pode haver mais bendita morte*, porque morre obede-

cendo à palavra divina e o que Romanos 13 manda. (...) Os camponeses não entendem e não querem ouvir razões de ninguém. Seus ouvidos têm que ser abertos com balas até que suas cabeças voem de seus ombros. (...) Fui eu, Martinho Lutero, que exterminei todos os camponeses na insurreição, porque eu mandei que fossem mortos. Todo o sangue deles está sobre meus ombros. Mas, o fiz ao nosso Senhor Deus, o qual me mandou que fosse desta forma.

Os anabatistas creram que Romanos 12:17–21, os ensinou o dever da igreja: amar; guardar a paz; não resistir; vencer o mal com o bem e não com a ira. Eles creram que o fazer justiça pertence somente a Deus, que usa os governantes, não cristãos para exercer ira, vingança e justiça (veja Romanos 13:4). Por esse motivo, estava claro aos anabatistas que a igreja não podia tomar parte em fazer justiça com a força, ou em castigar os transgressores da lei, ou em participar de uma guerra.

Mas, em isto o protestantismo se diferenciou radicalmente. No princípio, Martinho Lutero condenou o catolicismo romano por ensinar que o cristão tinha direito de defender-se com violência, contra a violência; mas, quando se evidenciou que necessitaria do apoio dos

governantes para defender o seu movimento, chegou ao seguinte compromisso:

Como cristão o homem tem que sofrer tudo e não resistir a ninguém. Como membro do estado, o mesmo homem tem que roubar, matar e lutar com prazer, todo o tempo que viver.

Desta maneira, Lutero dividiu o cristão em dois: no privado religioso e no público político.

Os anabatistas creram que a maneira bíblica era muito melhor: separar a igreja do estado. Três líderes anabatistas daqueles tempos expressaram suas crenças da seguinte maneira:

O cristão não participa na guerra; tampouco maneja a espada [do governo] para exercer vingança.

—*Pedro Riedemann*

O cristão não fere com a espada para exercer vingança.

—*Félix Manz*

O verdadeiro cristão não usa a espada do mundo nem tampouco participa na guerra. (...) O evangel-

ho e os que o aceitam não devem ser protegidos pela espada nem proteger-se a si mesmos.

—*Conrado Grébel*

Esta importante diferença entre os anabatistas bíblicos e os protestantes ia trazer conseqüências trágicas na história. Visto que os reformadores podiam justificar a “defesa do evangelho” com a espada, assim também justificaram as cruéis torturas e as perseguições infligidas aos que não criam como eles, condenando-os à morte como hereges. É um triste fato da história que todos os proeminentes reformadores aprovaram a perseguição e o martírio dos anabatistas. Certo erudito batista de nossos tempos averiguou, depois de uma detalhada busca, que mais anabatistas foram martirizados pelas mãos dos protestantes do que pelas mãos dos católicos.

Durante os 100 anos que se seguiram do começo da reforma, a Europa foi assolada por contínuas guerras religiosas entre católicos e protestantes. Somente na Guerra dos 30 Anos (1618–1648), a Alemanha, com uma população de 21.000.000 de habitantes, perdeu 7.500.000. A. H. Newman, o grande historiador batista, se viu obrigado a fazer esta pergunta:

Encontramos-nos na necessidade de averiguar se esta guerra foi uma necessidade, se essa foi a única maneira na qual os protestantes e os católicos podiam ser ensinados a respeitar os direitos alheios? Não podemos contestar, mas, temos razões válidas para duvidar se o destruidor da velha cristandade evangélica e o pai do grande movimento protestante político e eclesiástico (ou seja, Martinho Lutero, o qual inspirou a contra-reforma e a instituição dos Jesuítas, o qual direta e indiretamente, levou à Guerra dos 30 Anos), foi, depois de tudo, tão grande benfeitor da raça humana e promotora do reino de Cristo, como comumente se supõe.

Enquanto o protestantismo e o catolicismo se enfureceram em lutas brutais, um contra o outro, os pacíficos anabatistas seguiram amando os seus inimigos. Convidavam os homens a arrepender-se e a crer no evangelho de Cristo, instando-os que fossem batizados na igreja, renunciando ao perverso mundo e seus enganos.

Outro importante e desastroso resultado para o protestantismo por ter se apartado da palavra de Deus foi a origem do nacionalismo moderno. Lutero foi um forte defensor do nacionalismo alemão e um violento anti-semita. Um erudito, bispo metodista de nossos tempos, R. F. Weaver, explica:

O pensamento protestante é o precursor do pensamento nacionalista, e em um amplo sentido o criador da idéia que dominou na era seguinte: a saber, o direito divino dos reis. Lutero deu ao poder secular, autoridade e dignidade, quase, se não completamente, divinas. Ele disse: “A mão que maneja a espada não é uma mão humana, senão a mão de Deus. (...) É Deus que faz a guerra.” *Não é exagerar dizer, que poderosa como era a influência de Lutero no campo religioso, sua doutrina do estado foi muito mais poderosa nas terras dos protestantes do que a sua doutrina da graça.* Essa doutrina criou uma nova fase do contínuo problema da relação entre o governo e a religião organizada.

Portanto, o desenvolvimento do nacionalismo moderno, com suas trágicas guerras internacionais, foi preparado pelo protestantismo.

Lutero disse uma vez que o primeiro dever do cristão é para com o seu próprio estado, e se ele fosse um pregador do evangelho em um país muçulmano, definitivamente deveria lutar contra cristãos de outros países se sua nação estivesse em guerra com eles. Aqui vemos a triste cegueira que tem causado a tantos milhares de luteranos, metodistas, batistas, anglicanos e católicos da Inglaterra, França, Alemanha, Rússia e América,

ao ir para a guerra sob seus respectivos governos e matar milhares de membros da mesma igreja que guerreavam no lado inimigo.

A palavra de Deus diz que os que odeiam os seus irmãos são homicidas, que “nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele” (1 João 3:15). Os discípulos do Senhor, nascidos de novo, comprados pelo sangue de Cristo, não podem ir à guerra, nem participar na matança de seus concristãos. Tampouco podem mandar a ser condenados sem Cristo os que não são cristãos, ou destruir vidas humanas e propriedades pela loucura da guerra.

Com tudo, certamente alguém dirá: “Esses trágicos erros dos reformadores podem ter ocorrido, mas pelo menos eles pregaram o evangelho da justificação pela fé”. O que fizeram? A palavra de Deus diz que a fé viva, a fé em Cristo Jesus que salva, a única fé que tem valor aos olhos de Deus, é “a fé que opera pelo amor” (Gálatas 5:6). Foram as perseguições, as guerras religiosas, os prejuízos raciais, e o cruel nacionalismo o fruto da fé que opera pelo amor?

Ainda que um tenha a doutrina correta da graça, se não ensina nem obedece nem vive a vida no poder da graça, não pode dizer que é um

evangélico verdadeiro: “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados” (1 João 5:3). Blasfemam os que ensinam que é impossível para um filho de Deus, nascido de novo, observar seus mandamentos e viver pelo poder da graça divina uma vida cristã vitoriosa. Pela fé no Senhor Jesus Cristo somos justificados (perdoados) e santificados (habilitados para viver conforme os seus mandamentos por meio da sua graça). Se falarmos que os mandamentos de Cristo são pesados legalismos, então seria o mesmo que dizer que a palavra de Deus mente! Seus mandamentos não são pesados para um filho de Deus regenerado e limpo pelo sangue de Jesus.

Dos falsos ensinamentos do protestantismo (que pouquíssimo se diferenciam da igreja católica) vem os males diabólicos da profana aliança da igreja e do estado, a perseguição dos religiosos não conformistas, as “guerras religiosas” que mataram milhões, o nacionalismo moderno, o racismo e o sistema da ditadura. Verdadeiramente, o protestantismo é outro lobo devorador vestido como ovelha, embriagado com o sangue dos mártires. O evangélico moderno nacionalista e militar que se lança a matar o inimigo no nome de Cristo é o descendente direto

do protestantismo antibíblico.

Os primeiros anabatistas testificaram e morreram por uma igreja fundada unicamente sobre Jesus Cristo. Ensinarão que a igreja verdadeira é a *esposa pura* de Cristo, separada do mundo, e não a igreja *rameira* que fornicava com os reis da terra (Apocalipse 17:1–2). A igreja dos anabatistas foi a primeira e a única baseada no Novo Testamento que saiu do período da reforma. Estes simples crentes na Bíblia, cristãos nascidos de novo, nunca participaram em guerras ou promoveram discriminações raciais, ódios internacionais ou contendas entre classes sociais. Eles rejeitaram toda doutrina não baseada na Bíblia, fosse doutrina dos católicos ou dos protestantes. Por exemplo, citamos algumas delas: o batismo dos recém nascidos, a graça dos sacramentos, aceitar como membro da igreja uma pessoa não convertida, o uso do nome “nações cristãs” ou “guerras cristãs”, a tirania eclesiástica, o mundanismo, a hipocrisia e a corrupção nas igrejas.

Ainda muitos dos descendentes diretos dos anabatistas desviaram-se muito dos princípios de seus pais. Quão longe muitos deles têm sido levados da visão pura apostólica de seus pais! Quão poucas destas decaídas organizações retém o zelo missionário que faz de cada membro,

um evangelista! Quão poucos deles ensinam e praticam uma igreja pura, formada somente de membros nascidos de novo! Quão poucos deles têm um testemunho poderoso e uma disciplina conseqüente para manter a corrupção do mundo bem distante da igreja!

Querido amigo, você não tem que unir-se a estas organizações decaídas e cheias de pessoas mundanas. Tampouco tem que permanecer nelas se você já se encontrar como membro destas igrejas corrompidas. Não tem que pertencer ao catolicismo nem ao protestantismo. Há um terceiro caminho: o caminho do amor que leva a cruz.

Você leu a respeito dos anabatistas do século 16, os quais não estiveram satisfeitos com a reforma nem com a contra-reforma e de nenhuma organização de igrejas decaídas. Escolheram nada menos que a *restituição* da igreja em todo seu poder e pureza (recuperando ou restaurando a posição que tinha no princípio a original igreja do Novo Testamento). Eles não queriam nada menos. Tampouco você tem que contentar-se com menos.

Pense no perigo espiritual, vivendo em comunhão com membros de tal mistura de gente. E pense no futuro de seus filhos se eles tiverem

que crescer no meio destas pessoas. Dê atenção à voz do Espírito Santo e saia do meio deles! Una-se com outros da mesma fé preciosa e forme uma congregação disciplinada e independente, somente de cristãos nascidos de novo. Comparta somente com congregações que tenham o mesmo sentimento puro e disciplinado.

Não fique indiferente; não se junte a um barco que está afundando. Não deixe que um equivocado sentimento de lealdade o engane numa igreja destinada à catástrofe. A quem antes de tudo tem que ser leal? Somente ao Senhor Jesus Cristo e à igreja comprada com o seu sangue! O convidamos a sair das organizações não bíblicas que tem perdido a visão apostólica dos anabatistas e tem abandonado a disciplina e a pureza na igreja.

Se você ainda não é um cristão nascido de novo, terá que unir-se primeiro com Cristo Jesus por meio do novo nascimento antes de unir-se com alguma igreja. Se você é cristão nascido de novo e necessita de ajuda, escreva-nos. Toda solicitação de ajuda e de informação será respondida pessoalmente e com nossas orações.

—*Guillermo McGrath*
Traduzido por Carlos Neyra

A ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas honestas, perante todos os homens. Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens. Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor. Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.

Toda a alma esteja sujeita às potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos, porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um

o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra. A ninguém deveis coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei. Com efeito: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo. De sorte que o cumprimento da lei é o amor.

—*Romanos 12:17–13:10*

Nisto são manifestos os filhos de Deus, e os filhos do diabo. Qualquer que não pratica a justiça, e não ama a seu irmão, não é de Deus. Porque esta é a mensagem que ouvistes desde o princípio: que nos amemos uns aos outros. Não como Caim, que era do maligno, e matou a seu irmão. E por que causa o matou? Porque as suas obras eram más e as de seu irmão justas. Meus irmãos, não vos maravilheis, se o mundo vos odeia. Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama a seu irmão permanece na morte. Qualquer que odeia a seu irmão é homicida. E vós sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele.

—*1 João 3:10–15*

Estudo bíblico

Aproveite o nosso curso por correspondência, **O primeiro passo.** Este estudo do evangelho segundo João é grátis. Peça-o hoje mesmo ao endereço da publicadora.



Se deseja ajuda espiritual, escreva para o endereço abaixo:

Publicadora Lâmpada e Luz

26 Road 5577

Farmington, NM 87401, EUA

Tel.: 505-632-3521 E-mail: lamplight@emypeople.net



84142/09-06

Mais do que protestante!

A história emocionante de uma igreja fundada sobre Cristo, nascida no período do protestantismo, mas...

mais do que protestante!